

R. História, São Paulo, n. 127-128, p. 85-96, ago-dez/92 a jan-jul/93.

A HIGIENE COMO "PEDAGOGIA DO CIDADÃO"*

Laura Antunes Maciel**

RESUMO: Este artigo acompanha o debate sobre a modernização da capital matogrossense entre 1880 e 1920. Confrontando discursos diversos, procura interpretar os ângulos através dos quais a cidade e os seus habitantes foram representados, explorando algumas dimensões das imagens construídas sobre eles.

PALAVRAS-CHAVE: História, Memória, Cidade, Saúde, Imagens.

Após quase dois séculos de existência e de um intenso esforço "civilizatório", a imagem da capital matogrossense, como também a do próprio estado, permanecia inalterada para a opinião pública nacional. O estado de Mato Grosso, uma "ficção geográfica" e um "enteado da federação", continuava sendo sinônimo de atraso econômico e cultural, de vazio populacional e da ausência de lei ou, como tornara-se visão corrente, "o verdadeiro paraíso do crime". Até as primeiras décadas do nosso século, eram ainda fronteiras a serem ocupadas e que escapavam ao domínio da civilização.

As imagens construídas pelos inúmeros viajantes e aventureiros que devassaram e perscrutaram aqueles "sertões" chegam até nós como o registro da distância, do isolamento e do atraso que caracterizariam a capital matogrossense. Considerada por alguns a "Sibéria brasileira", lugar de degredo e exílio para civis e militares sediciosos, até a visão mais amena, reiterada pela quase totalidade dos seus observadores, descreve Cuiabá com as cores da tranqüilidade, da monotonia, quando não da decadência. As reações face a cidade e seus habitantes pouco variam e estes relatos compõem o retrato de um lugar "esquecido", "imóvel" e "imutável". Passavam-se os anos, porém a

* Esta é uma versão resumida e modificada de um dos capítulos da minha dissertação de mestrado em História intitulada: "A capital de Mato Grosso" defendida, em 1992, sob a orientação da Profa. Dra. Déa Ribeiro Felton na PUC-SP.

** Doutoranda em História pela PUC-SP.

quase bicentenária capital, "uma das últimas demarcações das bandeiras", permanecia aparentemente com a mesma feição colonial da época da sua fundação¹ em nada parecia diferir das demais cidades do sertão.

A Cuiabá apresentada por esses registros é uma cidade cercada, fechada, sitiada, quer por situar-se distante e isolada do resto do país, quer por encontrar-se na fronteira da civilização, no limite da "nação" brasileira. As evidências deste sítio estariam demonstradas no culto de "um bairrismo às vezes exagerado", na linguagem "pejada de termos castelhanos", nas suas ruas tortuosas, nas edificações sem nenhuma beleza, na ausência de diversões, mas principalmente, "na permanência de hábitos e tradições regionais de que se mostram ciosos os cuiabanos".

Aos olhos dos nossos observadores e intérpretes, Cuiabá havia preservado costumes pouco recomendáveis de há muito considerados ultrapassados em outras regiões do país:

"(...) o jogo é vício generalizado em Cuiabá, o que dá lugar a frequentes desavenças, não raro resolvidas a faca. Outros desregramentos graves pesam sobre esta população, a defesa policial sendo insuficiente para impedir que ela se entregue freneticamente ao batuque e às mais vergonhosas orgias"².

A composição da sua população, marcada fortemente pela predominância de negros e índios, os modos muito livres das mulheres facilmente inclináveis à licenciosidade e à traição conjugal, aliados ao afastamento da capital matogrossense em relação aos grandes centros do país seriam as razões para a permanência de hábitos herdados dos primeiros tempos da mineração. A imagem de depravação, vícios de toda natureza, preguiça, violência e criminalidade reinantes em Cuiabá, amplamente divulgada pelos viajantes e compartilhada pelos cronistas da cidade, enfim tudo aquilo que caracterizaria "os males" da sociedade cuiabana teria sua origem e explicação

-
- 1 O arraial, nascido em 1719 em função da descoberta do ouro, foi elevado após oito anos à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e, em 1818, através de Carta Régia foi transformado em cidade. Às vésperas de completar duzentos anos a capital matogrossense viveu sobressaltada com a possibilidade de um destino idêntico ao de Vila Bela da Santíssima Trindade (fundada em 1752 para ser a capital da província ela foi sede do aparato administrativo entre 1821 e 1835), cujo arruinamento precoce impressionou diversos observadores, muitos dos quais sugeriam semelhanças com a situação vivida por Cuiabá.
 - 2 CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1949, tomo II, p.165. Estas impressões foram registradas por este zoólogo francês durante a expedição científica por ele coordenada entre 1843-45.

na mistura de raças "inferiores" (negros e índios) na formação da população local e na ausência relativa de estrangeiros na cidade³.

Problemas diversos como prostituição, vadiagem, violência cotidiana, criminalidade, fome e doenças afetaram a vida da capital matogrossense durante todo o período analisado. No entanto, em determinados momentos algumas dessas questões assumiram maior relevância no conjunto das preocupações sobre a cidade. Outras, ao contrário, como as epidemias, a desorganização espacial da cidade e sua violência armada cotidiana, foram constantes e permaneceram como um pano de fundo inalterável, apontando para o atraso e a decadência de Cuiabá.

Um dos grandes empecilhos à sobrevivência na cidade era a sua conhecida insalubridade. Ainda que insistentemente negada ou atenuada, a fama de cidade insalubre perdurou durante muito tempo. Para alguns tratava-se apenas de uma grande "calúnia" difundida "por um escritor imprudente e ignorante, invejoso talvez!"⁴ que uma vez publicada em jornais europeus ganhou foros de verdade apesar do clima extremamente favorável da cidade com um "sol que tudo calcina" e chuvas abundantes que a manteriam sempre limpa e saudável.

No entanto, a frequência, a variedade e intensidade dos surtos epidêmicos registrados em Cuiabá não deixam margem a dúvidas quanto às precárias condições de vida da sua população, além de apontar para os sérios problemas de sua infra-estrutura urbana. Além da varíola, a mais frequente e temida das epidemias que assolaram a cidade neste período, Cuiabá foi por diversas vezes invadida por pelo menos uma dezena de outras enfermidades como a febre amarela, o cólera, a difteria, a gripe, a sífilis e a lepra que, em alguns momentos, tomaram grandes proporções, causando alto índice de mortalidade.

Apesar dos repetidos esforços realizados pelo serviço de higiene pública para controlar as epidemias de varíola (como a vacinação obrigatória desde 1893, as rígidas medidas de isolamento, desinfecção compulsória e

-
- 3 A preocupação com a formação do "povo matogrossense" foi uma constante em todo o período e ocupou os letrados da cidade, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX quando tomou corpo uma campanha pró-modernização da capital. Tomando por base ideais de uma raça branca, saudável e forte, associada ao mito do bandeirante descobridor – capaz de vencer as adversidades do meio regional – estas preocupações traduziram-se em legislação e projetos que tentaram, inutilmente, viabilizar a imigração europeia para o norte do estado.
- 4 "O nosso clima". in: *Revista Mato-Grosso*, maio de 1911. Apud: AYALA, S. Cardoso (org.) *Album Graphico do Estado de Mato-Grosso*. Corumbá-Hamburgo, 1914, p.48.

cordões sanitários previstos nas Posturas Municipais e posteriormente nos Regulamentos Sanitários) nem sempre se conseguiu evitar que elas tomassem grande vulto. O medo dessa doença, aparentemente generalizado por todas as camadas da sociedade, talvez possa ser explicado pela rapidez com que ela se alastrava, pelas marcas e deformações visíveis que deixava e, principalmente, por propagar-se igualmente entre pobres e ricos.

Alguns momentos ficariam marcados na memória dos cuiabanos em função dos estragos feitos pela varíola, particularmente os surtos de 1901-02 e de 1906-07, quando ela irrompeu com grande intensidade a ponto de motivar comparações com a grande epidemia de 1867, deflagrada com a volta de ex-combatentes da Guerra do Paraguai. Sempre lembrada por ocasião dos novos ataques da varíola esta experiência ficou gravada na lembrança daqueles que a viveram como um espetáculo macabro e fantasmagórico:

"Assim, ficou a cidade juncada de corpos insepultos, atirados às ruas, cuja putrefação impetava mais a cidade (...). Determinou o governo a abertura de valas e a cremação dos cadáveres (...), medida que se tornou ineficaz. Não raro eram vistos cães famintos arrastando membros e vísceras humanas pelas ruas. A cidade encontrava-se envolta em fumo, e a atmosfera viciada do fétido cheiro de carne queimada apodrecida.(...) Mais da metade da população sucumbiu vítima da tremenda catástrofe, e quase toda a que resistiu, levantou-se disforme(...)"⁵.

Com algumas pequenas variações, estes relatos contabilizaram aproximadamente 6.000 mortos entre agosto e dezembro de 1867, período de duração da epidemia, para uma população total de cerca de 12.000 pessoas. Os seus horrores são temas obrigatórios para quantos registraram suas experiências na Cuiabá daqueles dias. Em suas memórias, escritas décadas depois deste episódio, um político influente no cenário estadual dedicou algumas páginas à lembrança dos efeitos da varíola afirmando que chegou a "mais de 200 mortos por dia a razão da pequena Cuiabá ao Maloch destruidor"⁶.

5 MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Mato-Grosso*. Apud: MENDES, Francisco A. Ferreira. *Lendas e tradições cuiabanas*. Cuiabá, FCMT, 1977, pp.59-60.

6 PONCE FILHO, Generoso. *Generoso Ponce, um chefe*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1952, p.20. Generoso Ponce participou da Guerra do Paraguai na qualidade de "voluntário da Pátria" contando à época 13 anos de idade. Figura de destaque na política matogrossense Ponce participou ativamente dos importantes acontecimentos do seu tempo; como "líder revolucionário" atuou em todos os movimentos armados que agitaram Mato Grosso durante os primeiros anos da República, tendo ocupado também a presidência do Estado (1907-08). Apesar de escrita por seu filho esta obra baseia-se em anotações, cartas e outros documentos pessoais organizados pelo biografado e cobre o período correspondente a sua existência, ou seja de 1852 a 1911.

Essa ofensiva sem tréguas das epidemias aparecia, aos olhos dos próprios cuiabanos, aos seus visitantes e também aos responsáveis pela administração pública, como uma prova da insalubridade⁷ e da ameaça de desgoverno da capital. Em alguns momentos, quando as doenças recrudesciam com maior ímpeto, até mesmo o poder público punha-se a "denunciar" as precárias condições de vida na capital. A inexistência de sistema de esgotos, os ainda incipientes serviços de coleta do lixo e de abastecimento d'água, circunscritos a algumas poucas ruas da área central, forçavam a maior parte da população a buscar por conta própria alternativas para as carências urbanas.

No entanto, hábitos rotineiros como o de depositar o lixo no córrego da Prainha ou queimá-lo nos quintais, e o costume generalizado de jogar as "águas servidas" pelas ruas, eram encarados como desleixo e até incapacidade dos habitantes da cidade em acostumar-se a formas mais "modernas" de vida urbana. Não era de se admirar, dizia o presidente do estado em mensagem enviada à Assembléia em 1912, que a visão do estado das ruas, praças e da viação urbana de Cuiabá causasse aos seus visitantes a "impressão de uma cidade em declínio". Esta opinião era também compartilhada pelo médico responsável pelo serviço sanitário, para quem "o pouco asseio [era] observado pela população inteira da capital"⁸.

A partir deste momento a idéia de que o combate à insalubridade estava associado à higienização e à organização do espaço físico ganhará força e voz na discussão sobre os problemas da cidade, ainda que estas preocupações já estivessem presentes nas medidas estabelecidas pelo Código de Posturas em 1880 e na legislação que, na década seguinte, criou a estrutura administrativa, atribuições e competências no cuidado da saúde pública. Porém, a maior parcela de responsabilidade pela proliferação de doenças e outros problemas sanitários continuou sendo atribuída aos habitantes da capital. Eram eles que, ao não tomarem conhecimento e consciência da importância das medidas prescritas pelos códigos sanitários – vacinação, isolamento, desinfecção, hábitos de higiene pessoal e pública, e uma alimen-

7 A noção de salubridade entendida como a saúde das coisas, do meio e das pessoas é aqui utilizada como foi concebida por Michel Foucault em seus estudos sobre o nascimento da medicina social. Ver especialmente *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1984, p.93.

8 Relatório apresentado ao Secretário de Estado do Interior, Justiça e Fazenda pelo Dr. Estevão Alves Corrêa, Inspetor de Higiene Pública. *Gazeta Oficial*, Cuiabá, 15.02.1912.

tação sadia e equilibrada – acabavam por criar as condições necessárias para o desenvolvimento dos males que atacavam a cidade.

Após a primeira década do século XX outras doenças como a lepra, a malária, a esquistossomose, a sífilis e a doença de Chagas, além das enfermidades clássicas, mereceram um lugar de destaque nas prioridades dos serviços de higiene devido à sua rápida propagação e à frequência com que se transformavam em processos epidêmicos. A pecha de povo doente e "depauperado" atribuída aos cuiabanos será uma constante a partir de então, causando um verdadeiro "mal estar" durante as acirradas disputas eleitorais, quando o norte e o sul do estado enfrentavam-se e mediam suas forças.

Contra a hegemonia política exercida por Cuiabá ou durante os frequentes movimentos armados às vésperas das eleições, quando as pretensões separatistas e a idéia da transferência da capital ganhavam força no sul do estado, estes argumentos voltavam à baila:

"(...) o sul não pode ser governado pelo centro e norte que são habitados por uma raça degenerada, contaminada pelo amarelão, incapaz de receber qualquer progresso, ao passo que o sul está sendo povoado por uma raça forte de aventureiros gaúchos, que no futuro deverá dominar todo o estado de Mato Grosso"⁹.

A doença aparece aqui como algo incompatível com o progresso. Um povo doente e acabrunhado, abatido pelas enfermidades não teria o ânimo necessário para a realização do trabalho de que o estado necessitava. A imagem de povo doente, indolente e preguiçoso acompanharia daqui por diante os cuiabanos. Esta questão é ainda mais importante já que atingia justamente um dos pilares sobre o qual repousaria a inquestionável capacidade de liderança dos cuiabanos – a origem bandeirante de suas elites.

Apesar de pequenos deslocamentos no ângulo, maior ou menor firmeza nos traços, Cuiabá foi retratada com as mesmas cores até, pelo menos, os primeiros anos do século XX. Esses relatos compõem uma imagem una e coerente da capital matogrossense, moldada ao longo do século XIX, que a representou sob o signo do passado e do atraso, sinônimo de inúmeras experiências malogradas, sem perspectivas e promessas de futuro.

Pouco a pouco porém, se verificará uma modificação sutil nas crônicas sobre a cidade. Lentamente começa a tomar corpo a idéia de que Cuiabá nada lucraria com os eternos lamentos sobre sua decadência. Os seus problemas

⁹ *O Debate*. Cuiabá, 9.08.1912, p.1. Este periódico era editado, desde 1911, por uma das facções republicanas – o Partido Republicano Conservador.

concretos e constantes assim como os limites para a sua solução – a instabilidade política, a falta de recursos financeiros e a distância em relação aos grandes centros do país – eram conhecidos por todos. Portanto, a continuidade da exposição dos seus males através dos jornais apenas serviria aos interesses dos seus eternos "detratores", sempre prontos a denegrir ainda mais, dentro e fora do estado, a sua já tão comprometida imagem.

Será a partir das primeiras décadas deste século que um outro discurso, porta-voz do progresso e da mudança, tomará corpo em Cuiabá tendo como veículo privilegiado a imprensa diária ou semanal, os folhetins e as revistas. Em suas páginas a cidade foi descrita e analisada, seus problemas esmiuçados e as "receitas" do que fazer para torná-la moderna e civilizada foram apresentadas. Através da imprensa pretendeu-se reformar os hábitos, imprimir novos costumes, moldar outra imagem da cidade, extirpar todos os males que pudessem comprometer o seu desejo de progresso e modernização.

Para alcançar este objetivo os filhos ilustres da terra propuseram uma verdadeira cruzada em prol da renovação da capital de modo a que ela pudesse comemorar os seus 200 anos (1919) de maneira condigna. A condição básica para o desenvolvimento desta campanha pressupunha o apaziguamento das divergências políticas, a superação dos frequentes abalos institucionais e a reafirmação das mais puras tradições matogrossenses e de um suposto passado de glórias, conquistas e riquezas, dos quais o cuiabano julgava-se o legítimo guardião e herdeiro.

Os elementos para a construção heróica desse passado foram buscados na origem do povo matogrossense – particularmente do cuiabano – descendente direto dos "audazes" bandeirantes paulistas responsáveis, por sua vez, pela chegada da civilização até o mais recôndito dos sertões, pela conquista do território aos índios "bravios" e pela definição e defesa das fronteiras ocidentais do país. Alia-se a este mito da origem, do qual resultaria a intrepidez, coragem e altos ideais dos cuiabanos, a lembrança dos tempos passados em que Cuiabá teria surgido como o "eldorado" brasileiro onde o ouro brotava do chão sem o menor esforço. Apegado a esse passado e ao culto de suas tradições o cuiabano e a própria capital teriam sobrevivido, esquecidos pelo restante do país, isolados e entregues à própria sorte.

A construção da modernidade em Cuiabá – último marco e a sentinela mais avançada da "nacionalidade" – passava portanto, pela criação de um sentimento de unidade e pela sua (re)afirmação como símbolo maior das tradições matogrossenses. Como parte desse projeto de renovação e modernização Cuiabá viveria, a partir da década de 10, pequenas experiências de "melhoramentos urbanos" realizados timidamente e sempre aquém de suas reais necessidades. Buscava-se, na verdade, apagar os testemunhos físicos

que tornavam impossível o esquecimento da herança colonial da cidade, de um passado – agora sinônimo de atraso – impresso na sua ocupação aleatória, acompanhando a topografia irregular, pelos vestígios da origem ligada à mineração e da pobreza nela reinante.

Coube à imprensa, a cada serviço ou melhoramento inaugurado (a iluminação elétrica, o serviço de ônibus ligando o porto à cidade, a reforma de alguns espaços públicos) fazer ressurgir a crença num futuro promissor. Porém, o seu mal maior – a permanência de hábitos urbanos arcaicos – continuava a empanar o brilho dos pequenos progressos da capital. Tornou-se comum e até razoável associar o atraso da cidade a alguns costumes tradicionais de seus moradores que, até então, não haviam sido objeto de discussão ou censura.

Apesar do caráter tradicionalista do cuiabano algumas vozes levantaram-se através da imprensa para denunciar a permanência de alguns costumes – como as touradas, os banhos de rio, os rituais em torno da morte, os batuques, os jogos de azar e principalmente a falta de higiene – que, apesar de antigos e tradicionais, eram agora condenáveis e inadmissíveis pois se opunham ao grau de "civilização" e "cultura" que Cuiabá já havia conquistado. Junto à simples condenação desses hábitos os jornais começaram, pouco a pouco, a fazer a propaganda de outros mais modernos, oferecendo ao público leitor receitas de boas maneiras e regras de convivência de acordo com as últimas novidades da capital federal.

Essa "cruzada" pela civilização das condutas desdobrou-se ainda numa outra frente – a educação da população para o viver urbano – através da divulgação de cuidados com o corpo e práticas profiláticas na área da saúde pública. Se a cidade não possuía as condições físicas e de organização espacial adequadas para apresentar-se moderna era possível, ainda assim, que os hábitos e o viver cotidiano de sua população – com base em ideais de civilização e higiene – a redimissem. O sonho de uma cidade rica, ordenada e desenvolvida parece ceder lugar a outro, aparentemente mais fácil de ser concretizado.

À imprensa coube também o papel de porta-voz de médicos e leigos, bem como do próprio serviço de higiene, na guerra declarada às doenças epidêmicas, à falta de asseio e à insalubridade da cidade. Mais do que isso, a imprensa parece ter assumido como sua "missão" a defesa dos antigos ideais de uma capital higienizada e salubre. O espaço dedicado aos informes, à transcrição das novidades terapêuticas e aos "poemas" que tinham como tema a questão da saúde, cresceu e ganhou destaque nos jornais e revistas. A discussão sobre as questões da higiene, que até então estivera circunscrita aos relatórios técnico-administrativos, chegou ao grande público na década de 10

com uma intenção muito clara e definida – ganhar novos adeptos para esta "cruzada" :

"A Inspetoria de Higiene Pública se congratula com a população cuiabana(...). Af estão elevado número de pessoas até agora imunizadas contra a varfola, mostrando que a inspetoria pode confiar no apoio do público e com ele conseguir o fim colimado. Assim sendo, é lícito acreditar que, futuramente, outras tantas medidas de higiene, tendentes à conservação da saúde e da vida da população, terão igual sucesso"¹⁰.

Passava-se das ameaças e prisões, práticas rotineiras previstas no primeiro regulamento sanitário de 1893, para o reinado da informação e comunicação direta com o público. Ao invés da coerção e da intimidação, a sedução pelas idéias e enunciados claros e acessíveis. A higiene já não se impunha pela exclusão ou pela força mas, ao contrário, pela integração e "conversão" de um maior número de pessoas aos princípios racionais do conhecimento médico.

No mesmo artigo, o inspetor de higiene segue rememorando os horrores passados da varfola e os "milhares de variolosos (sic) (que) se deixaram morrer em holocausto à própria incúria" para concluir categórico :

"A vacinação é o único recurso profilático seguro,(...). Vacinando, salvaguardamos o capital social representado pelas vidas humanas".

Este é um outro aspecto da modernidade: o valor, enquanto mercadoria, que a vida humana adquire. A saúde pública apresentava-se portanto, como um dos ramos da ciência econômica: os investimentos em saúde, por maiores que fossem, seriam sempre recompensados pelo retorno em vidas salvas à deformação ou à morte. Tal premissa era mais verdadeira para estados como Mato Grosso ainda às voltas com a necessidade de ampliar sua população, ocupar seus espaços vazios, e de tornar produtivas vastas extensões de terras férteis e despovoadas.

Porém, grande parte desse debate sobre a insalubridade da capital matogrossense esteve centrado na necessidade de educar sua população para a aquisição de hábitos de higiene compatíveis com a vida urbana. Inicialmente precisariam ser reformados os cuidados com o corpo, o asseio, a alimentação, a limpeza e adequação da casa aos modernos princípios de insolação e

10 "A vacinação", *O Debate*, Cuiabá, 9.11.1913, p.2. Artigo assinado pelo Dr. Marinho Rego médico e diretor, à época, da Inspetoria de Higiene Pública. A campanha desencadeada pela imprensa cuiabana antecipou em algumas décadas a "educação sanitária" da população criada somente pelo regulamento sanitário de 1936.

aeração. Depois restaria atacar os maus costumes "públicos": a prática de jogar a água servida e o lixo pelas calçadas e ruas, a criação de animais soltos pelos quintais e vias públicas, a livre circulação de portadores de doenças contagiosas e de loucos pela cidade etc... Tornava-se imperioso que os habitantes de Cuiabá superassem certas práticas cotidianas que ainda os prendiam ao passado – sua origem rural ou de pequenas vilas – e se compenetrassem de que a vida numa cidade, e particularmente numa capital de estado culta e desenvolvida, impunha o cultivo de outras regras de higiene e moral.

Um exemplo dessa "campanha" pode ser colhido nas páginas de "O Matto-Grosso" que, em 1922, apresentava a sua "receita" para uma vida adequada à cidade sob o título "os dez mandamentos da saúde". Trata-se de prescrições médicas sobre a necessidade do sono reparador, de uma vida sexual moderada, da alimentação adequada ao clima, os cuidados na prevenção de doenças contagiosas, além de diversas recomendações quanto aos cuidados pessoais e à moderação no consumo de bebidas alcoólicas e entorpecentes, recomendando ao final: "Ama a Higiene sobre todas as coisas e a saúde do teu próximo como se fosse a tua própria"¹¹.

Na mesma direção caminhava a revista "A Violeta" que distribuía "poemas higiênicos" ao longo de matérias diversas:

"Os pulmões não podem lavar-se, mas podem arejar-se."

"As janelas fechadas são portas abertas à tísica".

"O sol numa casa descora as alcatifas, mas tinge as faces. Escolhei!"¹².

Esse esforço em prol do saneamento e da profilaxia dos costumes possuía também um viés moral muito acentuado. Não é por acaso que entre os hábitos "deploráveis" dos cuiabanos encontravam-se aqueles que constituiriam um atentado ao pudor das famílias "de bem", entre eles, a prostituição, o jogo do bicho, a vadiagem, o alcoolismo e outros vícios sobre os quais

11 "Os dez mandamentos da saúde", *O Matto-Grosso*, Cuiabá, 22.10.1922, p.3. Semanário pertencente a outra ala dos republicanos locais – o Partido Republicano Matogrossense, era editado desde 1903. No controle da insalubridade bem pouco se fazia efetivamente e foram constantes as denúncias e reclamações sobre as deficiências do serviço de remoção do lixo, da higiene do matadouro público, da limpeza dos mercados públicos etc.... Quanto às medidas clássicas de prevenção das doenças contagiosas – isolamento, desinfecção, quarentena – elas só eram articuladas nos momentos em que as epidemias já haviam se instalado e pouco ou nenhum resultado conseguiam.

12 *A Violeta*, Cuiabá, setembro de 1926. Esta revista era organizada e mantida desde 1916, pelo Grêmio "Júlia Lopes" onde moças e senhoras da sociedade cuiabana dedicavam-se ao "cultivo das letras". Reservava grande espaço à literatura e à poesia mantendo também uma coluna de crônicas sobre a cidade e seus problemas.

a decência mandava calar mas que, à saúde pública recomendava agir com rigor para que eles não viessem corromper ou enodoar toda a sociedade.

O apelo a essa imagem de "atoleiro moral" em que as ruas da capital haviam se transformado demonstra a vontade de excluir dos espaços públicos não apenas os males que os contaminavam mas, principalmente os responsáveis pela sua propagação. Os vícios, depravações e desordens de toda natureza estiveram sempre associados à existência de pequenos empregados desleais aos patrões, moleques de rua, vendedores ambulantes, vadios e pobres em geral, que contaminavam a cidade com sua miséria e maus costumes. Com frequência as imagens utilizadas pela imprensa para descrever os problemas urbanos recorriam a fenômenos naturais e orgânicos, e a cidade ora é apresentada sob o efeito de "ondas encapeladas" que tudo arrastavam, ora como um vasto corpo atacado e debilitado por estas "doenças sociais".

Se estas não eram questões novas na capital matogrossense nem se pode afirmar que elas tenham crescido assustadoramente neste momento será, no entanto, a partir daqui que esses problemas serão esmiuçados com ênfase pelas páginas da imprensa, por parte de uma parcela de sua população – os seus letrados – que tomará em suas mãos a análise e a proposição de respostas para tais preocupações. Apesar de uma aparente contradição, localizada no interior do discurso produzido pela sua elite letrada durante as décadas de 10 e 20, aquela imagem do atraso funde-se com a do progresso num movimento de vai e vem constante. Elas não são de maneira nenhuma excludentes, ao contrário, se contrapõem, se misturam e se fundem ao longo do período estudado.

Se a construção de uma imagem de cidade culta, progressista e civilizada, ainda que muitas vezes à revelia da realidade objetiva, não pode ser considerada apenas o resultado de uma campanha intencionalmente conduzida pelo poder público ou pelas velhas lideranças locais, constantemente em luta pelo poder, nem muito menos que ela tenha sido privilégio dessa ou daquela facção política ou grupo social – já que ela perpassou vários espaços –, aponta, porém, para a capacidade de convencimento dessa estratégia que conseguiu renovar o velho e apresentar-se como uma idéia viável a muitos dos cuiabanos de então. Não pode também ser mera coincidência que a propagação deste ideário tenha se acentuado num momento em que Cuiabá – acuada pela crise econômica, pelas disputas entre facções políticas distintas e pelos movimentos separatistas patrocinados pelo sul do estado – corria riscos, reais ou imaginários, de perder sua hegemonia política e mais ainda, seu status de capital do estado.

Mais do que mostrar como esses discursos modelaram e construíram uma determinada versão do passado e uma memória sobre a cidade, é oportuno

MACIEL, Laura Antunes. A higiene como "pedagogia do cidadão".

tuno apontar como esta construção, que é datada, impregnou de tal forma a maneira de pensar da sociedade cuiabana e continua, até hoje, presente na historiografia regional, sendo reelaborada, reapropriada e reconstruída ao sabor das conveniências atuais.

ABSTRACT: This article follows the discussion about modernization in Mato Grosso State's capital from 1880 to 1920. By comparing different discourses, the authoress intends to question the viewpoints as the city and its habitants were represented, also searching out dimensions of images constructed about them.

KEY-WORDS: History, Memory, City, Health, Images.